

Governo vai frear crescimento econômico

01/09/94

■ Aumento do PIB em 96 terá teto máximo de 5%

GUSTAVO FREIRE
E NÉLIA MARQUEZ

BRASÍLIA — O governo vai frear, a todo custo, a economia em 1996, limitando seu crescimento anual a uma taxa máxima entre 4% e 5%. “Estamos condenados a ter um 1995 brilhante. Caiu a inflação, tem um *montão* de reservas e a economia cresceu muito. O único problema é que não dá para repetir isso sempre”, disse ontem o diretor de Pesquisa e Estudos do Banco Central, Francisco Lopes.

Melhorar o desempenho das contas externas do país nos próximos meses e no ano que vem é quase uma obsessão na análise de Chico Lopes, que, ao lado do economista José Roberto Mendonça de Barros (secretário de Política Econômica do Ministério da Fazenda), é atualmente o principal formulador do Plano Real. Para ele, 1995 são águas passadas quando se fala em reverter os déficits da balança comercial (exportações menos importações). “Não adianta brigar contra o relógio. Não adianta tentar reverter



Chico Lopes: o crescimento deve ser sustentável ao longo do tempo

o resultado de 95. Este ano já está pago”, afirmou.

A manutenção dos níveis atuais de crescimento econômico poderia levar o país, na avaliação de Chico Lopes, a viver um drama semelhante ao do México no final do ano passado. Numa experiência parecida com o Brasil do Plano Real, aquele país vinha crescendo a elevadas taxas nos últi-

mos anos. Em dezembro de 1994, houve a crise cambial.

“O erro do México foi ter tentado manter permanente um elevado nível de déficit no saldo das transações correntes (saldo das exportações e importações mais o pagamento de juros ao exterior)”, disse o diretor do BC. Ele lembrou que as reservas cambiais (em dólar) mexicanas foram sendo re-

duzidas gradualmente até o ponto em que ficaram abaixo das necessidades de financiamento externo.

No Brasil, o elevado nível de crescimento acabou por levar o Brasil a acumular até junho um déficit na balança comercial de US\$ 4,2 bilhões. O diretor do BC confirmou que isto fez com que as perspectivas de superávit da balança comercial caíssem dos US\$ 5 bilhões para números entre US\$ 500 milhões e US\$ 1 bilhão.

Chico Lopes garante, porém, que a situação do México está, no momento, longe de ser vivida pelo Brasil. Ele disse que, mesmo na hipótese pessimista de se fechar o ano com reservas de US\$ 30 bilhões, será plenamente possível financiar o déficit das transações correntes, estimado por ele em US\$ 15 bilhões.

O ideal, segundo Chico Lopes, é que a economia cresça entre 4% e 5% em 1996. No primeiro trimestre, o Produto Interno Bruto (PIB) do país cresceu 10%, levando o governo a adotar um pacote de medidas anticonsumo. “Temos que ter um crescimento mais sustentável ao longo do tempo”, disse. A expectativa de Lopes é a de que o PIB cresça 6% este ano.